



REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA TERENA por meio do teatro segundo o PCN-Arte/Teatro¹

Marcos Antônio Bessa-Oliveira² & Tisa Tatí Oliveira de Andrade³

“Os índios que são retratados aqui só são modificados, comparando com os de lá, pelas características étnicas distintas que cada etnia tomou: é uma realidade na qual antes os de lá eram daqui e os daqui já foram de lá também. Nesse caso, quando penso em limites ou fronteiras nas produções plásticas do Estado, defendo a ideia de que não há características que são especificamente sul-mato-grossenses como também não há as que são somente de Mato Grosso.” (BESSA-OLIVEIRA, 2014, p. 88).

INTRODUÇÃO

O papel social da língua terena hoje está basicamente relacionado à necessidade de reafirmação da identidade étnica indígena. Especialmente quando temos em mente, por exemplo, o papel sociopolítico que a língua desenvolve em relação ao sujeito falante – que tenta falar – e em relação aos não-falantes, poderes político-sociais, que, quase sempre, não permitem que os primeiros falem.

¹ Uma primeira versão deste ensaio foi apresentada como TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, no ano de 2014 – do curso de Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² Marcos Antônio Bessa-Oliveira é professor da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Coordena o NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas e é membro do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados.

³ Tisa Tatí Oliveira de Andrade é Terena, Graduada em Artes Cênicas e Dança – Licenciatura – pela UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Conhecer e conhecer-se, ensinando a língua, fazem parte de um projeto de resgate cultural. Neste sentido, este trabalho tem como primeiro objetivo responder a seguinte questão: como o teatro pode contribuir com esse processo (língua X ensino) segundo o PCN-Arte/teatro?⁴ A partir da lei 9394/96 o ensino da arte passou a ter uma base estrutural tal como criação/produção, contudo a disciplina é vista como conteúdo apenas ligado ao lazer. O ensino de arte é diferente das outras disciplinas, pois aborda categorias cognitivas do aluno muito distintas dos ensinamentos tradicionais. Ou seja, manifestações artísticas que têm singularidades bem definidas: a dança, a música, a literatura, as artes plásticas e o teatro; bastante diferentes da matemática, história, geografia e até a língua portuguesa para falarmos do ensino de línguas. Ou seja, de imediato já é possível dizer que não se trata de pensar o teatro, através da disciplina de Artes, como possibilidade científica, mas talvez tratá-lo como possibilidade, através da prática artística do teatro, de permitir ao índio na contemporaneidade o resgate da fala da língua materna.

Desde os tempos remotos de “Terras de Vera Cruz” os missionários jesuítas que aqui chegaram por volta dos anos de 1500, além de produzir poesia, cultivavam o teatro de caráter pedagógico inspirados em passagens bíblicas para ensinar (catequizar) ou reforçar as ideias e os dogmas católicos aos índios que aqui habitavam. O jesuíta Padre Anchieta, por exemplo, escrevia autos na língua tupi e os encenavam de maneira “simplista” para impressionar os índios com as representações dos mesmos. Devemos ter em mente que a catequese e não a instrução dos índios era o único propósito dos jesuítas. Sendo assim, o grande desafio de trabalhos desta natureza com o teatro na Aldeia Aldeinha, localizada no município de Anastácio/MS, é pensar na possível revitalização da língua terena tendo o teatro como facilitador do processo a partir do PCN-Arte/teatro. Para que dessa maneira, o teatro possa ser entendido pelos alunos indígenas como uma possível forma de usufruírem dos direitos que lhes são assegurados pela Constituição brasileira. Tendo em vista que aqui se entende a língua como o

⁴ De certa forma, cabe dizer que se num primeiro momento o que é tomado como prática de teatro nas escolas de modo geral não poderia ser nominado de teatro – estudiosos defendem a ideia de jogos teatrais como melhor nomenclatura – o PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – toma o termo Teatro para tal. Portanto, optamos por manter o termo Teatro ao invés de Jogos Teatrais.

principal recurso facilitador de resgate da dignidade humana e do pertencimento cultural do indivíduo.

O TEATRO COMO RECURSO PARA A REVITALIZAÇÃO da língua materna terena segundo o PCN-ARTE/TEATRO

Os índios Terena, um dos subgrupos Guaná do tronco linguístico Aruak e originários do Chaco paraguaio, têm uma longa história de contato com a sociedade branca. A partir da segunda metade do século XVIII, atravessaram o rio Paraguai e instalaram-se no Brasil. O que exatamente os induziu a deixarem o Chaco não está claro. Na guerra entre Brasil e Paraguai, os Terena lutaram ao lado do Exército Brasileiro e dos Mbaya-Guaicuru. Com o fim da guerra muitos ex-soldados permaneceram na área formando pequenos povoados e fazendas. Os índios Terena espalharam-se nessas fazendas para trabalhar. Em 1904/1905 foram criadas as primeiras reservas indígenas (BITENCOURT LADEIRA, 2000).

Esses fatores histórico-sociais fizeram com que os Terena adicionassem (forçados ou espontaneamente) ao seu repertório indígena elementos da língua portuguesa, tornando-se assim uma sociedade bilíngue. Esse fato diferencia-se de aldeia em aldeia. A língua terena é dominante em algumas, apesar do uso da língua portuguesa, e já em outras aldeias a língua dominante é a portuguesa dado o processo “natural” da colonização. Igualmente é possível dizer também sobre alguns artefatos culturais: alguns desses elementos já foram até banidos de algumas dessas aldeias, enquanto outras mantêm características simbólicas exclusivamente indígenas. Um dos exemplos é a Aldeia Aldeinha, lócus de pesquisa para este trabalho, localizada no município de Anastácio a 127 Km de Campo Grande capital do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste brasileira (IBGE,2010); a aldeia possui 80 residências e um total de (321) trezentos e vinte e um moradores segundo a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA 2010). A aldeia se encontra geograficamente em contexto urbano e fatores como a demarcação de terras, crescimento da urbanização e miscigenação cultural e étnica modificaram e modificam diuturnamente alguns traços culturais reconhecidamente tradicionais da comunidade.

Embora a contemporaneidade proporcionar a homogeneização dos bens e artefatos culturais, alguns fatores, ainda que modificados pelos contatos com culturas diferentes e às vezes divergentes, a língua pode resistir ou reexistir a

partir da relação de pertencimento do sujeito com seu lócus sociocultural. Atualmente, podemos encontrar na Aldeinha apenas idosos falantes da língua terena, pois a maioria dos jovens, devido à globalização e aos meios tecnológicos disponíveis também na aldeia, utilizam apenas a língua portuguesa reforçando o desuso da língua materna como meio de comunicação. No entanto, pode-se perceber que o desuso da língua materna terena não descaracteriza o pertencimento à etnia Terena. Tanto os idosos quanto os mais jovens reconhecem que pertencem à etnia Terena.

Assim, em razão desses fatores, a maioria da comunidade indígena passou a usar a língua portuguesa no ambiente familiar, não estimulando as crianças a aprenderem a língua terena. Quando isto acontece, a língua indígena é enfraquecida, pois ela passa a ser desvalorizada pelos próprios indígenas, tendo, portanto, o número de falantes reduzido e, levando à inevitável extinção da língua. De certa forma, é possível dizer que de maneira “espontânea” ou involuntariamente os moradores dessa e de outras aldeias indígenas, podemos pensar que no tocante ao Brasil, não deixa de pertencer à etnia *bioeticamente*, mas, entretanto, é possível dizer também que em alguns casos não dizer que é indígena parece ser a melhor saída. Portanto, o processo de apagamento dessa e de outras línguas hoje extintas por motivos diversos, mas especialmente por imposição colonial, seja no passado ou na contemporaneidade, dá-se, ora tendo a sobreposição de dominante sobre dominado, mas em outros momentos também se dá tendo o dominante como suposto modelo a ser imitado com o intuito de participar do sistema engenhoso de que todos têm acesso a tudo. Quando na verdade sabemos que de fato a noção todos acessarem a tudo não ocorre simplesmente pelo fato de participar do sistema social preponderante em tempos contemporâneos.

Paralelamente, a ideia de democracia racial é celebrada como realidade e não defendida como aspiração.

Ao contrário, o outro lado da tradição crítica parte do pressuposto de que o processo histórico que conduziu as independências é a prova de que o patrimonialismo e o colonialismo interno não só se mantiveram depois das independências, sendo que em alguns casos inclusive se agravaram. A dificuldade de imaginar o colonialismo como alternativa reside em que o colonialismo interno não é somente nem principalmente uma política de Estado, como ocorreu durante o colonialismo de ocupação estrangeira; é uma gramática social muito mais vasta que atravessa a sociabilidade, o espaço público e o espaço privado, a cultura, as mentalidades e as subjetividades. É, em suma, uma maneira de viver e conviver muitas vezes

compartilhado por aqueles que sofrem, e aqueles que lucram com isso (BOAVENTURA, 2010, p. 14-15). (Tradução livre nossa).⁵

Segundo a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 210, é direito ao aluno índio “o ensino fundamental regular ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional também diferencia a escola indígena das demais escolas do sistema, enfatizando que aquela deve ser bilíngue e intercultural. O bilinguismo, de acordo com RCNEI (BRASIL, 1998, 25), está presente nestes casos porque as sociedades indígenas fazem uso de mais de uma língua, e a interculturalidade porque a escola deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística. Neste último caso, observa-se que nem somente na questão indígena a interculturalidade deve ser ponto fundamental nas relações sociais nas escolas contemporâneas. Dessa forma, é assegurado o direito aos indígenas de manter suas tradições e sua língua por meio do ensino escolar. Assim, em 2005, na aldeia Aldeinha foi criada a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva oferecendo aos alunos indígenas e não indígenas, além dos conhecimentos tradicionais, o ensino da língua materna terena.⁶

Apesar de boas iniciativas dessa natureza, estudos bilíngues ou escolas interculturais, a instituição escola ou a educação brasileira parecem andar a

89

⁵ “Paralelamente, la idea de democracia racial es celebrada como realidad y no defendida como aspiración.

Al contrario, la otra vertiente de la tradición crítica parte del presupuesto de que el proceso histórico que condujo a las independencias es la prueba de que el patrimonialismo y el colonialismo interno no solo se mantuvieron después de las independencias, sino que en algunos casos incluso se agravaron. La dificultad de imaginar la alternativa al conolialismo reside en que el colonialismo interno no es solo ni principalmente una política de Estado, como sucedía durante el colonialismo de ocupación extranjera; es una gramática social muy vasta que atraviesa la sociabilidad, el espacio público y el espacio privado, la cultura, las mentalidades y las subjetividades. Es, en resumen, un modo de vivir y convivir muchas veces compartido por quienes se benefician de él y por los que lo sufren” (BOAVENTURA, 2010, p. 14-15).

⁶ Deve ficar claro neste momento que a ideia de língua materna terena toma como pressuposto a noção de língua primeira; a língua falada na aldeia Aldeinha, por exemplo, antes da colonização de qualquer natureza – interna ou externa – como ressaltou a passagem de Boaventura de Sousa Santos.

séculos atrás de seus tempos. Já que essas instituições quase sempre parecem não contemplar as especificidades culturais dos sujeitos de suas épocas. A história da educação escolar indígena revela que a escola contribuiu para o enfraquecimento e posteriormente para o desaparecimento das línguas indígenas. Há, desde sempre, nas escolas o reforço da língua portuguesa como nossa língua materna, onde, no entanto, nas escolas situadas em comunidades específicas como as indígenas, deveriam reforçar a manutenção da língua primeira dos índios. Segundo Francheto,

As instituições escolares são vistas, sem dúvida, como os instrumentos mais sutis e eficazes para a realização satisfatória da chamada “integração à sociedade nacional”, objetivo básico da política indigenista do Estado brasileiro e de várias missões religiosas. (FRANCHETO, 1979, p.15)

Atualmente, o ensino da língua terena inserido no currículo escolar contribui para incentivar a revitalização da própria língua com o ensino desta, proporcionando também novo sentido de compreensão da identidade indígena e ao pertencimento à etnia Terena. Por mais que o ideal no ensino indígena ainda não tenha sido atingido é importante observar que não é tarefa fácil e não é dever apenas da escola o resgate da identidade étnica indígena. É imperativo que a comunidade também crie estratégias para desenvolver atitudes positivas em relação à língua. É na língua onde o sujeito mais se identifica com as relações socioculturais de determinada comunidade. Segundo Posey (1986), é necessário ter a compreensão de que com a perda da língua, perde-se a história, a cultura e principalmente a autoestima coletiva.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1971 a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplinar. Com a Lei número 9.394/96 revogam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, §o). Um dos objetivos da Arte é

expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas; observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível (...). (PCN, 1997, p.39).

Para Vidal (1995) nas sociedades indígenas a arte está presente em diferentes campos; nos rituais, na produção de alimentos, nos locais de moradia, nas práticas guerreiras, e ainda expressa aspectos da própria organização social e sua visão de mundo. As cerimônias e rituais dão ênfase aos aspectos simbólicos e são expressas de diversas maneiras: na música, na dança, no canto, na produção de máscaras, na pintura do corpo, nos adornos e outros objetos. A transmissão desses conhecimentos artísticos varia de uma etnia para outra e pode estar relacionada à idade ou ao sexo do indivíduo sendo que a aprendizagem envolve principalmente a observação – “o ver fazer e a ação de fazer”.

O constante contato com a sociedade branca trouxe algumas mudanças nas culturas indígenas. Em algumas provocou a perda de manifestações artísticas, em outras suas práticas sociais foram reelaboradas de acordo com o atual modo de vida (SOBRINHO, 2010). Nas escolas indígenas, o ensino da Arte permite aos alunos compreender e valorizar as expressões artísticas de sua comunidade como também as de diversos grupos sociais. Nessa instituição, os alunos, indígena ou não, terão consciência da importância da arte como patrimônio e como elemento formador de sua identidade étnica e cultural. Para Bessa-Oliveira (2010) os alunos devem se conscientizar de seu papel como intérpretes culturais, tendo um reconhecimento livre de preconceitos do diferente. Igualmente os professores precisam ter a competência de ofertar conhecimento aos alunos tendo sempre em mente as especificidades socioculturais de cada etnia.

Uma educação democrática requererá que a escola se converta em “uma instituição que seja, provisoriamente, um lugar de vida para criança, em que ela seja um membro da sociedade, tenha consciência de seu pertencimento e para a qual contribua” (DEWEY, 1895, p. 224). A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética sensível que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido através da experiência humana à arte e ao mundo. O aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação tanto ao realizar formas artísticas, quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e pelas diferentes culturas. De certa forma, essa percepção estética não está atrelada, no caso dos indígenas, à noção de percepção estética do branco por uma questão cultural. Ou seja, a percepção de mundo branco e indígena são, assim como a noção e percepção de arte, bastante diferentes.

Com base no PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), a arte vem corroborar com um aprendizado mais criativo, coletivo, sensível e reflexivo tornando-o mais democrático. Mesmo que levando em consideração o entendimento de que o PCN é desenvolvido exclusivamente por branco e para o homem branco, ainda é possível perceber no seu texto uma possibilidade de trabalho com a arte para culturas de outras etnias. Portanto, igualmente sobre o teatro o PCN-Arte/teatro garante que

Dramatizar não é somente uma realização da necessidade individual na interação simbólica da realidade, proporcionando condições para um crescimento pessoal, mas uma atividade coletiva em que a expressão individual é acolhida. (PCN-ARTE, 2001, p.83)

A partir dessa informação, é possível pensar o teatro, por exemplo, como um facilitador da revitalização⁷ da língua terena na aldeia Aldeinha, tendo em vista que o teatro é parte da base de toda a educação criativa (identificada assim pelo conjunto das linguagens artísticas no ensino: teatro, dança, música e artes plásticas), o homem primitivo já se expressava dramaticamente, dançando, imitando e produzindo sons com a intenção de dar sentido a algo, buscando comunicar-se com o outro, possibilitando um melhor entendimento entre as relações humanas. Segundo Martins Picosque e Guerra (2009) é por meio da arte que podemos compreender o mundo das culturas e o eu particular. Dessa maneira barreiras poderão ser ultrapassadas pela compreensão e interpretação das formas subjetivas que compõem a comunidade e sua multiculturalidade. Igualmente segundo John Dewey a chave da pedagogia consistia proporcionar às crianças “experiências de primeira mão” sobre situações problemáticas, em grande medida de experiências próprias, pois na opinião dele,

A mente não está realmente liberta, ainda que não se criem as condições que fazem necessário que a criança participe ativamente da análise pessoal de seus problemas e dos métodos para envolvê-los – ao preço de ensaios e erros (DEWEY, 1903, p.237).

⁷ Tendo em mente ainda a passagem de Boaventura de Sousa Santos é possível pensarmos o teatro, ou a prática do teatro dentro das escolas indígenas – sendo o caso em especial da aldeia Aldeinha, que não tem o corpo discente exclusivamente indígena – como possibilidade revitalizadora da língua materna terena. Se de alguma forma a ideia de revitalizar a língua pode parecer impossível tendo em vista a noção da língua portuguesa como materna, do nosso ponto de vista entendemos que a prática da fala da língua terena possibilitará, ainda que pelo teatro, a revitalização da língua que está em vias de ser extinta, ainda que não seja mais a única língua falada na aldeia.

Do mesmo jeito Paulo Freire já pensou que o essencial é que o homem primeiro se conheça para depois passar a reconhecer-se nas outras coisas do mundo. Que antes precisamos compreender e nos descobriremos enquanto sujeitos participantes das ações do mundo que nos cerca e transforma para que então possamos entender como também cercamos e transformamos o mundo a nossa volta. Disse Freire:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmo como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas. (FREIRE, 2011, p. 39).

A Arte tem por finalidade desenvolver o aluno para que este seja capaz de se expressar, interagir e interpretar o mundo a sua volta sem receio de cometer erros. A arte contribui com a formação de seu caráter e sua conduta moral por meio das práticas democráticas. O principal objetivo da educação em toda sociedade é auxiliar o aluno tornando-o capaz de errar e acertar insistindo no aprendizado. Ao longo dessas reflexões percebe-se um aluno capaz de opinar, este fato está sempre ligado à construção da personalidade democrática que deve ser a principal função da educação: ajudar o aluno a desenvolver um conjunto de hábitos e virtudes que lhe permitirá realizar-se plenamente.

Conforme Paulo Freire, na educação tradicional o professor age como detentor do saber que deposita conhecimento num aluno receptivo e dócil, desse modo o cotidiano do aluno não adentra como troca de aprendizado e essa educação estava fora das necessidades já daqueles tempos. Isso, de certa forma, pode-se dizer também em relação aos tempos atuais. É imperiosa e urgente uma mudança para a criação de disposições mentais críticas e permeáveis, uma educação orientada por meio de diálogos em grupo, com o incentivo à participação e ao exercício da reflexão crítica.⁸

⁸ Especialmente sobre essa possibilidade de tornar o processo de ensino aprendizado uma condução de conhecimento, sem a noção moderna de educar o sujeito, ver o ensaio “Para não formarmos *opressores*, mas professores de Artes Visuais” de autoria do Professor Marcos Antônio Bessa-Oliveira apresentado durante o VII Encontro de Professores de Arte de MS III Seminário: Diálogos Visuais e Culturais no Cenário da Pesquisa em MS no ano de 2012 e publicado no livro

O PCN tem como um dos seus principais objetivos formar alunos que sejam capazes de compreender a importância que têm como indivíduos, que fazem parte de uma sociedade, que possuem direitos e deveres, tendo a oportunidade de opinar em quaisquer situações, social ou política. Sua formação deve estar voltada para ser solidário, cooperativo, repudiando sempre as injustiças existentes no âmbito da sociedade. Devendo estar sempre consciente da necessidade do respeito em relação ao próximo e exigindo também o respeito para si. A democracia significa liberdade de expressão, uma liberdade com ordem e decência sem confundir-la com libertinagem. Dessa ótica, parece que a língua terena é abandonada pelo próprio indígena em virtude do envolvimento com a sociedade branca, pois o mesmo passa a ver a “língua portuguesa, como uma língua de poder e prestígio, fazendo com que se envergonhem de sua própria língua materna” (RCNEI, 2005). Por isso, a língua terena torna-se objeto de necessária revitalização tendo em vista a ideia de respeito mútuo, o que pode ser desenvolvido por meio do teatro, uma vez que

Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo. (PCN-ARTES, 2003, p.83)

94

Compreendendo o seu papel na sociedade o indivíduo poderá dialogar em momentos de conflitos, situações críticas, pois o diálogo entre os homens é entendido como um componente essencial nessa educação que, comprometida com a construção de análises democráticas sendo responsável, poderá opinar em decisões coletivas respeitando a opinião de todos. As práticas democráticas permitirão que a criança possa chegar ao aprendizado e ao desenvolvimento com criatividade tendo a capacidade de se expressar eficazmente. A ideia de democratização que caracteriza as discussões neste texto está para além da atual situação que temos posta no país. Portanto, compreendemos que as noções de demarcações indígenas e reservas indígenas postas como estão na contemporaneidade político-social brasileira não contribuem para termos uma melhor possibilidade de educação democrática para os indígenas brasileiros.

O ensino da arte em sala de aula faz-se necessário para que o aluno seja capaz de expressar suas opiniões e, mesmo que não haja trabalho em grupo, deverá entender que é necessário a interação nas atividades propostas pelo professor. É neste momento que nos parece fundamental podermos pensar o teatro, segundo PCN-Arte, como objeto de facilitação nessa relação coletiva entre os alunos através da arte. Tendo em vista especialmente, que as práticas artísticas no âmbito escolar são realizadas no coletivo promovendo a relação entre alunos de diferentes culturas e identidades. A arte deve propiciar uma visão mais ampla de que podemos aprender com os erros, a finalidade é tornar o aprendizado do aluno o mais dinâmico e lúdico possível, contribuindo assim, no caso aqui em questão, para a valorização das línguas indígenas, de maneira que seus falantes desenvolvam atitudes positivas em relação a elas, ainda que de maneira lúdica com o teatro.

Como foi mencionado anteriormente, o teatro foi utilizado pelos jesuítas como um recurso pedagógico para fins específicos. Se pensarmos na origem, temos o teatro grego que “nasceu em cerimônias dedicadas ao deus Dionísio (Baco), o deus do vinho” (DÓRIA 2009). Religião e Arte nesses dois momentos estavam profundamente vinculadas. Mas não vamos nos ater a essa questão religiosa em relação à arte, tendo em vista que a relação ainda é estabelecida em alguns momentos na contemporaneidade, mas sim no teatro como uma manifestação cultural que se desenvolveu no decorrer da história e tornou-se uma importante ferramenta artística de ensino-aprendizagem. Essa expressão da linguagem teatral é passível de transformações, como afirma Fernando Peixoto:

O teatro tem história específica, capítulo essencial da história da produção cultural da humanidade. Nesta história, o que mais tem sido modificado é o próprio significado da atividade teatral: sua função. Constantemente redefinida, na teoria e na prática, esta função social tem provocado alterações substantivas na maneira de conceber e realizar teatro (1992, p.11).

Ao se questionar sobre como surgiu o teatro, a teoria mais aceita propõe que ele seja o mais completo, pois, o mesmo reúne, como prática artística, elementos de artes visuais, dança e literatura. Portanto, o teatro como mecanismo de revitalização da língua deixa de ser catequizador no momento atual, para tornar-se formador de um sujeito pensador consciente da sua importância social na contemporaneidade. Não se trata, nesse sentido, de pensar apenas prática teatral (ou teatro artístico), mas o teatro como prática formulada através de um documento que busque atender especialmente as questões culturais indígenas, por

exemplo. Ou seja, entender como o PCN-Arte – pensando especialmente no teatro – pode ser um texto que contribui significativamente através da arte como documento para o resgate da língua terena como língua primeira (materna) que está sendo extinta pela não prática de falantes. Uma vez que,

A arte além de ser uma atividade social também é um modo de praticar a cultura. Ela abrange atividades culturais em que se trabalha o sensível e o imaginário buscando alcançar deleite e desenvolver a identidade simbólica de um povo em função de uma ação transformadora. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA 2009)

O teatro, por ser de caráter lúdico, no ambiente escolar é geralmente apenas usado como entretenimento. Caso não muito diferente também em relação às outras linguagens artísticas desenvolvidas no âmbito escolar. Seja por desinteresse dos alunos com relação aos conteúdos da arte, seja também, o que é bem pior, pela falta de preparação e domínio do conteúdo por parte do professor da disciplina. Porém, a linguagem teatral é agregada e incorporada às demais linguagens artísticas tendo o indivíduo como elemento principal e ambas são tornadas interessantes aos espectadores (alunos). Suas possibilidades de expressão são diversas, pois através de seu próprio corpo pode representar uma dança, utilizar músicas, sendo ele mesmo o recurso audiovisual. As possibilidades bastante abrangentes da linguagem teatral se destacam por considerar não só os conhecimentos do homem, como também as suas emoções, subjetividade e as suas próprias potencialidades.

Assim, vemos a necessidade de uma reflexão sobre o fazer pedagógico com o teatro atendo-se para questões mais contemporâneas: multiplicidade cultural, etnias diferentes, o teatro como possibilidades linguísticas etc. As metodologias de ensino do teatro foram colocadas em prática nas escolas e serviram para o desenvolvimento de ações pedagógicas, sendo assim o teatro tem um espaço mais efetivo no contexto escolar onde antes não era obrigatório. Então teatro/ação pedagógica permite ao aluno criar novas formas de agir, pensar, tendo uma melhor visão de mundo e de si mesmo. Pode-se dizer que uma aula dinâmica, descompromissada exclusivamente de livros didáticos rende muito mais do que um roteiro pré-estabelecido e faz gerar grandes resultados. Para um bom ensino da língua materna, ou revitalização dessa mesma língua, que é o caso estudado, deve-se apoiar em uma didática que explore a oralidade e a familiarização do idioma, pois a língua possui várias variações de som e conjugações diferentes. Neste caso, o teatro pode contribuir significativamente se pensado como elemento formador e revitalizador pela prática falante.

O professor deve ser consciente de que o teatro é um elemento fundamental na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Ao ensiná-los permite que os alunos vivam a experiência e construam uma rede de significações, buscando compreender conceitos, processos e valores étnicos, sociais e culturais. Do mesmo jeito, o teatro como prática pedagógica atua possibilitando o aprendizado e a troca de experiência entre os indivíduos com a “nova” língua terena. O teatro pode fazer com que o aluno consiga se expressar com liberdade, de maneira adequada e eficiente, ampliando a sua visão quanto à importância do que tem sido perdido pelo seu povo. A expressão verbal permitirá ao aluno relatar experiências, de modo que o grupo entenda ou elabore pensamentos, fatos e evidências em diferentes conteúdos, trazendo para a futura prática teatral novas situações. Desse modo, o participante descobrirá diferentes formas de expressão, que podem ser na sua língua materna, que permitirá entender a realidade (ou mesmo fatos históricos) e ao mesmo tempo em que compartilha seu modo de pensar; seja na língua terena ou através de práticas indígenas específicas, ou seja pensando na relação com o homem branco seguindo a lógica do PCN.

Segundo Reverbel (1996), o teatro como prática pedagógica não deve ser realizado no formato de espetáculos, pois são inúmeros os problemas encontrados ao longo desse processo, tais como número de aulas insuficientes (a prática teatral divide na disciplina de artes o ínfimo tempo de 50 minutos uma vez por semana com as outras linguagens artísticas: artes plásticas, música e dança), espaço inadequado (raramente existe um laboratório de artes nas escolas públicas brasileiras), desinteresses (já sinalizado: tanto por parte dos alunos e professores, quanto por falta de profissionalismo do professor), preconceito com o ensino de arte e que impede um desempenho profissional na escola (a disciplina é sempre rebaixada ao lugar de entretenimento), assim como também afirma o PCN (p.66) ao defender a ideia do teatro mais como jogo teatral para desenvolvimento do convívio social de maneira harmônica. Embora sejam trabalhadas técnicas e dramaticidade, por exemplo, o indivíduo não estará no domínio das técnicas de representação teatrais para o palco (espetáculo), principalmente tendo em vista as dificuldades sempre apresentadas nas relações dentro das escolas com sujeitos indígenas ou não.

Mas, em contrapartida, estudos também mostram que “as técnicas do teatro são técnicas da comunicação” (Spolin, 2005, p. 12), sendo um dos recursos mais poderosos para promover um amadurecimento emocional e intelectual dos seus educandos. Essas técnicas apresentadas de forma lúdica fornecem informações a

respeito da criança: suas emoções, relacionamentos, o desempenho físico-motor, o estágio de seu desenvolvimento, o nível linguístico e sua formação moral. Desse modo, o professor terá maior conhecimento dos seus alunos e saberá como conduzi-los no decorrer das atividades quando realizadas na prática teatral na escola: sejam elas visando o autoconhecimento para cada aluno, sejam para revitalização de uma língua quase esquecida, ou sejam utilizadas como dispositivos para possibilitar ao alunos pensarem em uma futura formação na área artística. Pois, como já observaram alguns estudiosos, as profissões são escolhidas no berço familiar (por processos de imitação de familiares como pais, mães e tios) ou por influência e despertar de emoções e sensações profissionais que surgem no ambiente escolar ainda na infância desses indivíduos.

Sobre o teatro como ferramenta de formação afirma ainda Marcellino (1986, p. 60): “Considero que viver o lúdico é viver o momento, o presente, o agora. E esse não representa a volta ao passado ou a preparação para o futuro”. Sob esse ponto de vista o lúdico pode estar presente na vida de todos seja qual for a sua classe social ou faixa etária. As atividades lúdicas facilitam a transmissão de conhecimento para as crianças. Além de contribuir para o melhor desenvolvimento da percepção dos sentidos, fazendo com que o educando vivencie cada um deles, desenvolvendo simultaneamente a percepção individual e coletiva. “Compartilhar uma atividade lúdica e criativa baseada na experimentação e na compreensão é um estímulo para a aprendizagem”, conforme afirma o PCN (2001, p. 85). Pensando nisso, por meio da mímica e da expressão corporal, por exemplo, o professor levará o aluno a desenvolver o gosto pelo teatro, valorizando as atividades culturais, corporais, sociais e linguísticas. A atividade lúdica facilita a percepção do aluno em relação ao vocabulário e aos recursos linguísticos utilizados pelo autor para a construção do texto. Igualmente a ludicidade facilita as relações entre os indivíduos, portanto um teatro pensado como lúdico possibilitará que ambos os indivíduos (índigenas ou brancos) tenham o contato com uma espécie de processo de revitalização da língua até sem perceberem que estão tendo e lidando com uma problemática tão grave em relação ao apagamento de uma língua indígena por falta de falantes jovens.

Essa atividade teatral como revitalização linguística tem objetivo futuro no âmbito deste trabalho, já que não tratamos do teatro como elemento prático neste momento da pesquisa; tendo em vista uma prática cênica teatral objetiva-se levar os alunos a desenvolver questões como a capacidade de expressão na língua materna terena, respeito e cooperação em relação ao outro e a si próprio. Assim,

estes aspectos não serão negligenciados apenas em favor da aprendizagem linguística, mas propõem o reconhecimento de todo um contexto sociocultural e artístico que vão se perdendo através da não fala de uma língua. Ou seja, a não fala da língua não apaga apenas o dialeto linguístico em si, mas todas as outras questões que estão relacionadas ou não diretamente à língua materna: práticas culturais que envolvem a escrita e as representações gráficas que se identificam apenas pelos dialetos linguísticos específicos da língua materna.

Tendo a noção de que língua e cultura são inseparáveis, e que se a primeira desaparecer, a história e a cultura de um povo também desaparecerão, faz-se necessário garantir o registro da língua indígena através da elaboração de textos a partir dos elementos culturais, tais como as histórias orais, os rituais e até mesmo as canções realizadas na língua primeira. Estes elementos indicarão concepções do mundo indígena anteriores, principalmente, à chegada ou convívio com o homem branco. O teatro oferecerá essa possibilidade de registro da língua, contribuindo até mesmo para a revitalização da mesma. *A priori* simplesmente porque os textos podem ser grafados na língua terena e não na língua portuguesa.

O homem é um ser simbólico, ou seja, capaz de criar e inventar símbolos que se articulam em linguagens, signo e sinais identificáveis claramente ou não. É por meio dessa linguagem, que também é um sistema de comunicação, que a visão de mundo é refletida. Nesse sentido, o professor terá um papel importante como mediador nesse processo através de uma “dramatização” de diálogos curtos, preparação de cenas que retomem diálogos na língua terena, além de poder lançar mão, por exemplo, de características artísticas peculiares à aldeia terena Aldeinha. Assim os alunos poderão aprender a interagir socialmente na língua materna entre si. Dessa maneira, eles serão incentivados a usar a língua que estão aprendendo de modo criativo. Ainda que isso se dê pelo simples processo da curiosidade pelo novo e pelo “diferente”.

Nessa perspectiva, uma aprendizagem em arte só é significativa quando o objeto de conhecimento é a própria arte. É por meio dela que o aprendiz será provocado a saber manejar e conhecer a gramática específica de cada linguagem... levando em consideração não só a arte presente nas instituições culturais, nas salas de espetáculo e de concerto, mas também a arte pública, as manifestações populares, o nosso patrimônio cultural vivo. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2009)

Deste modo, ao fazer a leitura de uma peça teatral, ainda que sem encená-la na prática, os alunos deverão saber o objetivo dela, buscando entendimento do tema, onde o aprender e ensinar sejam de ambas as partes professor/aluno uma troca de

experiências sociais e culturais. O professor pode intervir quanto ao seu processo de aprendizagem por estar fundamentado em quatro aspectos fundamentais do teatro: corpo, emoção, linguagem verbal e atividade coletiva, onde os participantes terão uma relação dialógica, quebrando a atitude de ouvinte e passando a praticantes.

A construção teatral na língua materna terena trará maiores possibilidades de resgate da própria língua aos alunos. O ato de ensaiar as falas, que implicam também em internalizar a voz, o gestual, nas marcações de cena, fará com que os mesmos tenham uma maior habilidade com a língua materna para que posteriormente haja uma compreensão e apropriação dessas palavras. Não se fala em decorar falas, mas de memorização com o desígnio de compreender a mensagem contida no texto teatral pela língua quase perdida. O que, conseqüentemente, possibilitará a futura leitura e fala de outras mensagens na língua terena mantendo-a viva. O entendimento primeiro da língua falada permitirá ao aluno expressões corporais capazes de traduzi-las aos colegas “leitores” através de gestos. A prática teatral vem como caminho facilitador para trazer expressões por meio do corpo, dando assim vida ao teatro. Um dos elementos importantes na linguagem não-verbal é a imitação, além dos ornamentos, roupas e maquiagens, dando sentido aos gestos e atitudes na execução da cena, assim o corpo deve expressar emoções positivas.

100

Conhecendo a realidade da aldeia Aldeinha, a prática teatral não é uma realidade frequente no processo ensino/aprendizagem, por isso esta sugestão vem como uma proposta metodológica sociocultural visando o resgate da língua materna terena a partir da situação geohistórico-cultural da aldeia. A educação como processo de conscientização deve envolver situações em que professor e aluno estejam em atividade mútuas nos modos de agir e pensar para promover alterações no ambiente. Esse processo propicia uma ação pedagógica constituída não só de transmissão de conhecimentos, mas de condução e também da organização de instrumentos de aprendizagem, conseqüentemente eles se tornarão indivíduos conscientes e críticos, ou seja, sujeitos capazes de projetar, planejar e realizar as transformações na realidade em que vivem.

A grande questão na comunidade indígena aqui apresentada é que devido à convivência por muito tempo no meio dos não-indígenas (homens brancos – numa proximidade diária com áreas urbanas como a cidade de Campo Grande, MS), esses sujeitos indígenas possuem vergonha e receio do preconceito que sofrem

desde o início do contato com a sociedade envolvente. Interessante destacar aqui que embora o grau de mestiçagem entre brancos, índios e negros nas comunidades brasileiras seja grande, ainda prevalece o preconceito e a predominância político-sociocultural branca. O trabalho cênico vem, seja na forma de atos cênicos como preconiza a academia ao falar de teatro ou nos atos dos jogos teatrais quando se pensa no teatro nas escolas, para estimular, incentivar e diminuir essas questões e desenvolver as capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação, e percepção, valorizando assim a língua materna que é uma das principais identidades de um povo.

O teatro também colabora para o enfrentamento desse preconceito, valorizando as diferenças culturais, o aprender a respeitar e valorizar o diferente. Colocar-se na posição do outro e sentir “na pele” os seus sentimentos, emoções e modos de perceber o mundo. Priorizando os sujeitos enquanto sujeitos biográficos indígenas, no caso aqui em especial, particularizados pelas suas práticas sociais e possibilidades culturais que são distintas dos homens brancos. No caso desses sujeitos indígenas e da língua terena, toma-los com características de especificidades socioculturais dos sujeitos que apresentam essas particularidades na língua terena quase esquecida e das práticas artísticas que se não “encenadas” se extinguirão na cultura desses e de outros sujeitos que dessa sociedade participam.

101

CONCLUSÃO

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) garantem direitos às atividades culturais nas escolas, inclusive o teatro, cujo objetivo neste contexto pode ser a revitalização da língua materna terena na comunidade escolar da aldeia Aldeinha. Acreditando assim, no teatro como um mecanismo importante para a aprendizagem e a reutilização dessa língua que já se encontra em desuso. A prática teatral além de resgatar a língua materna, também, facilitará a percepção do indivíduo em relação à valorização de si mesmo e do seu grupo étnico indígena. Esta pesquisa tomou também como base a “cena” atual da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, escola essa de ensino regular que atende todas as séries de Ensino Fundamental e Médio, tendo aproximadamente 400 alunos. A escola atende alunos índios e não-índios (brancos, negros e pardos) e

por ser inclusiva, atende alunos com necessidades educacionais especiais como: DA (deficiente auditivo); DI (deficiente intelectual); oferece turmas de Educação de Jovens e adultos (EJA). Do mesmo modo, a pesquisa tomou como texto fundamental o PCN-Arte, especialmente nos artigos que tangem ao teatro como prática artística formadora, tendo em vista o seu caráter investigativo e regulamentador da educação brasileira.

O primeiro passo dado foi a leitura de documentos sobre a cultura terena tais como *A História do Povo Terena* que nos oferece uma visão geral sobre esse grupo indígena. Há também textos escritos de missionários protestantes que fizeram relatórios sobre suas estadas enquanto do convívio junto aos indígenas terena, a partir do ano de 1912 a 1915. O segundo passo foi o reconhecimento visual na própria comunidade indígena, com relação às vestimentas, aos adereços, as pinturas corporais utilizados, pois percebemos a diversidade existente nas comunidades, por ocasião das festividades do dia do Índio, mas, infelizmente, igualmente percebe-se a falta da fala da língua terena como aspecto importante dessas práticas e artefatos artísticos do indígena. Nesta pesquisa se defende o ponto de vista de uma concepção de ensino da língua indígena que privilegie a realidade desses povos que poderá contribuir para um processo de ensino-aprendizagem dessa língua de modo mais significativo e relacionado ao contexto sociocultural desse povo; podendo até mesmo facilitar tal processo, o que é importante e necessário nesse momento, principalmente quando se tem em vista que as línguas indígenas vêm desaparecendo rapidamente ao longo dos anos nas sociedades contemporâneas.

Em relação à aldeia Aldeinha e sua problemática com a língua, o teatro fará com que os alunos aprendam a trabalhar em grupo, com a responsabilidade de produzir uma obra coletiva, possibilitando, através do diálogo, analisar diferentes ideias para decidir por uma que melhor os caracterizam. Cabe ressaltar que o texto a ser trabalhado (seja teatral ou não) deve ser compreendido pelo grupo (pensamos em um texto que trate, por exemplo, de questões relacionadas à cultura terena) para não se tornar um exercício mecânico (de decoração mecânica), tornando os participantes meros repetidores, impedidos de desenvolver sua criatividade particular cultural e pessoal. Uma vez que a linguagem verbal trará uma maior fixação da língua materna, a não verbal é importante para a integração com o meio social atendendo as suas necessidades onde os movimentos são condicionados. As referências bibliográficas citadas anteriormente, referentes à etnia Terena, oferecem possibilidades de conhecimentos de linguagens (falas,

artísticas, sígnicas, culturais e sociais) e por meio delas reconhecer e compreender a visão de mundo dos mesmos. Com essas pesquisas e com produções textuais na língua materna terena, os alunos terão no futuro a possibilidade de encontrar uma expressividade que dificilmente encontrariam nos livros didáticos editados pelos homens brancos.

Este estudo também se propôs a apresentar as contribuições que o teatro traz para a educação escolar indígena. Neste trabalho reconhecemos o valor do teatro na escola como um recurso facilitador usado em prol da revitalização da língua materna terena. Nesta atividade cênica – seja como prática artístico-pedagógica ou sejam como jogos teatrais, os alunos poderão perceber que todo e qualquer conhecimento pode ser transmitido por meio de sua primeira língua e de maneira lúdica. Ao obter essa percepção o aluno valorizará sua língua, pois saberá que a mesma cumpre os mesmos fins comunicativos que a língua portuguesa praticada impositivamente ao longo dos séculos e tomada hoje, por muitos, como língua materna também dos indígenas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs) e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) constituem ferramentas importantes nas escolas indígenas para uma reflexão da prática educativa que se desenvolve ali e na elaboração de projetos educativos específicos para esses indígenas. Os PCN/Arte propõem uma melhoria do ensino conciliando ações auxiliares para enfrentar a diversidade cultural e a globalização do presente século. O teatro na escola extrapola o seu uso instrumental, pois além de ser um instrumento capaz de estimular a criatividade dos alunos, a prática teatral também favorece uma compreensão crítica da realidade humana, promovendo aprendizagem na diversidade e nas especificidades culturais de cada um.

103

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Ensino de Artes X Estudos Culturais*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *Artes Visuais na Frontera*: (teoria, prática e pedagogia) – *del ser, del saber y del sentir*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

_____. *Nenhum Lugar(res) Todos*: (re)Verificações Epistemológicas em Artes Visuais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

BITTENCOURT, Circe Maria, LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. USP, Ministério da Educação- São Paulo Maio, 2000.

BRASIL, Constituição Brasileira. Brasília, 1988.

CARDOSO, Lindabel D./LIMA, Eneide M^a M./ANTUNES, Mitsuko A. M./MOMMA, Adriana M./Bryan, Newton A. P. *Artes e Línguas na escola pública: uma possibilidade em movimento*. Campinas: Alínea, 2008.

COELHO, Paulo. *O teatro na educação*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1978.

PEIXOTO, Fernando. *O Que é Teatro*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FIGUEIREDO, F. J. Q. (org.) *Aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. UFG, 2006.

FRANCHETTO, Bruna. *Notas sobre educação e alfabetização indígena*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1970. (mimeo)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Teoria e Prática do Ensino de Arte*. São Paulo: FTD, 2009, 1^a versão.

MELIÁ, Bartolomeu. *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Loyola, 1970.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydía B. *O uso dos jogos teatrais na educação*. Campinas, SP: Papirus, 2009. 2^a Edição.

NICOLA, Jose de. *Literatura Brasileira das origens aos nossos dias*. Editora Scipione. 1999.

RCNEI, Referencial curricular Nacional Para as Escolas Indígenas. MEC/SEF/DPEF, Brasília: MEC/SECAD 2005.

REVERBEL, Olga. *O texto no palco*. Porto Alegre: Editora Kuarup, 1993.

_____. *Jogos teatrais na escola*. São Paulo: Editora Scipione LTDA. 1996.

ROSENFELD, Anatol. *A Arte do Teatro*. Publifolha 1968.

RUGNA, Betina. *Teatro em sala de aula*. Editora Alaúde, São Paulo 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montevideo, Uruguay: Ediciones Trilce-Extensión universitaria. Universidad de la República, 2010.

SILVA, Amirtes Menezes de Carvalho e. *Teatro num fazer pedagógico*. Fundac. 2006.

STEWART, Julian H.. *Handbook of South Ameican Indians*. New York 1963. Cooper Square Publishers, Inc.

TUFANO, Douglas. *Estudos de Língua e Literatura*. Editora Moderna. 1998.

WHITTINGTON, Rev. Harry. *On the Indian trail in Paraguay and Brazil*. Knox Press. s.d.

